

A M E U S N E T O S

EXPLICAÇÃO

Não esquecerei jámais a impressão de sumptuosidade e de admiração que senti quando, ahí por Fevereiro de 1874, vindo da minha humilde aldeia, entrei em Lisbôa.

Não tinha visto até então mais do que os casebres dos modestissimos lavradores a cuja familia me honro de pertencer.

A Lisbôa do fim do seculo XIX, e especialmente a cidade baixa, caracterisadamente pombalina, apesar do seu fraco movimento e da monótona harmonia das suas construções, impressionaram o meu espirito de provinciano ingénuo, moço e ignorante, como a ultima palavra do urbanismo estonteante das capitaes.

Começava n'essa occasião o assentamento da linha de Carris de Ferro Americanos, do Terreiro do Paço ao Conde Barão, e existia, não havia muito, a carreira de vapores de rodas para Alcantara e Belem, de cuja opulenta frota fazia parte o roncador e cuspinhento vapor *Progresso*, com seu simbólico titulo de arrojado meio de transporte, e no qual tantas vezes embarquei.

Conheci eu mui particularmente as ruas de S. Paulo e da Bôa Vista, e comquanto ligassem a parte occidental da cidade com a baixa, não eram então, e apesar de tudo, mais movimentadas do que é hoje qualquer rua dos bairros excêntricos.

Sob o ponto de vista pitoresco, julgo terem sido estas ruas as mais caracteristicas, e de mais surprehendente efeito perspético, o qual lhes vinha do seu arco e da sua longa fila de prédios desegualmente altos, e em cujas fachadas haviam enxertado remates de variadissimas e graciosas curvas — evolução lógica da frontaria típica dos séculos anteriores.

Breve porem, estas ruas, e as do resto da cidade, passaram infelizmente pelas maiores e mais desconchavadas transformações e, mais por preversão do gosto do que por necessidades de facto, foram as construções pombalinas e os seus lindos pormenores, sendo substituidos pelas correntezas de banalissimos casarões de platibanda, cheios de reles exotismo, os quaes, por minha desgraça e de alguns outros, que assim pensam, sômos, quae: passageiros deste outro «Progresso» — obrigados, bem constrangidamente, a olhar todos os dias.

*
* *

Vêm estas linhas para justificar e assignalar o desgosto profundo que desde sempre venho sentindo ao vêr destruir-se todo o pitoresco de Lisboa, desgosto hoje corrente, mas que mercê da minha idade fui, talvez, dos primeiros a sofrer.

Essa sincera mágua e uma natural e saúdosa atração pelas coisas do passado, levaram-me, desde ha trinta anos, a pintar em aguarelas, a desenhar e a documentar graficamente conforme pude e soube, todos os pormenores que pouco a pouco iam desaparecendo da fisionomia da cidade, tarefa onde puz o melhor dos meus esforços e o carinho muito verdadeiro que consagro ás coisas da minha Terra.

Essa tarefa é este livro — e eu não sei dizer melhor das suas intenções.

Affonso Lopes Vieira, que me acompanha com a sua alma de grande poeta e de grande português, melhor do que eu proprio me explicará.

Daqui pois lhe agradeço do fundo do coração as palavras com que ilumina as minhas desprezenciosas e modestas notas gráficas.

ROQUE GAMEIRO.